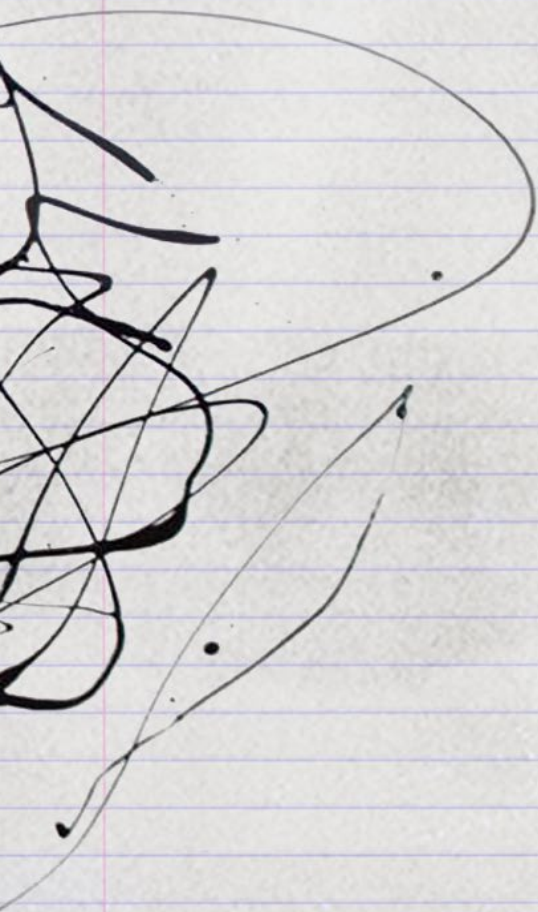
DIÁRIOS DE QUARENTENA #6

André Luiz Pinto

Caderno,

e eu que achava que o pior
de ti era a poesia...
Não te vejo desde o dia
em que vírus tomaram
conta da cidade.
É por medo de saber
que estiveste a meu lado
em ônibus, taxis, metrôs
que me afastei de ti.
É por saber que eras meu amigo
e agora não és mais.
Deixo teus poemas
como jarros quebrados,
brinquedo desfeito
na manhã seguinte
à explosão de Chernobyl.
Temo que agora carregues
outro germe contigo.
Que não sejas mais
meu confidente, mas
o meu melhor inimigo,
esperando que eu adoeça
palmilhando em teu corpo
os versos que desisti.

André Luiz Pinto da Rocha nasceu em 1975, Vila Isabel, Rio. Doutor em Filosofia pela UERJ, leciona na SEEDUC-RJ e FAETEC. Publicou *Flor à margem* (Produção independente, 1999), *Primeiro de Abril* (Hedra, 2004), *ISTO* (Espectro Editorial, 2005), *Ao léu* (Bem-te-vi, 2007), *Terno Novo* (7Letras, 2012), *Mas valia* (7Letras, 2016), *Nós, os dinossauros* (Patuá, 2016) e *Migalha* (7Letras, 2019).